

seio seria ridiculo e *ipso facto* collocar-se fóra do combate constituio-se falsa procuradora dos interesses do partido saquarema. E com effeito, se uma vez ao menos quizesse a opposição proceder com lealdade, qual a marcha que deveria ter seguido depois de completamente vencida na eleição primaria? Recolher-se aos bastidores e silenciosa chorar suas magoas, ou quando muito inventar arbitrariedades e violencias para attenuar sua derrota; muito embora para isso calumniasse o governo e as autoridades. Assim procedendo mereceria ao menos a compaixão de corações generosos: nós mesmos a consolariamos em sua dôr: reconheceriamos nos vencidos o direito de se lastimar e se suas lagrimas fossem as do sincero arrependimento de seus erros politicos estender-lhes-hiamos talvez a mão: sómente assim seria possível uma conciliação. Para não dar mais prova de que a intriga é sua unica estrategia a opposição deveria conservar-se indifferente a eleição secundaria, pois nenhum interesse legitimo tinha no seu resultado depois de vencida na primaria. O que fez porem essa miseravel facção? Cimentar a desunião no partido governista, e hoje ao menos apparental-a, visto que a votação cerrada que obtiverão os nossos candidatos cabalmente mostra haverem sido baldados os seus esforços, como meio de hostilidade ao governo aberrou a opposição de seus proprios principios: de porta em porta offereceu seus poucos votos a alguns dos candidatos do partido governista, com tanto que estes se apartassem do governo, e contra elle trabalhassem. Taes ofertas porem só proprias da gente opposicionista com dignidade forão repellidas. Na vereda da infamia foi além a opposição: fez o seu idolo daquelle que pouco antes fóra seu figadal inimigo: trabalhou por vencer a natural, e justa repugnancia dos eleitores seus alliados para que votassem no Dr. Pacheco, que representou o não muito honroso papel de instrumento da opposição. Essa facção pois que poderia ter merecido a nossa compaixão, porque somos generosos para com os vencidos, sem o menor proveito tornou-se digna da execração publica.

Havemos dito que a ultima eleição deve ser estudada, pois que o seu resultado define a posição dos partidos; a opposição porem não o faz; qualquer discussão séria a respeito lhe é desvantajosa, e segundo os escriptos de seus órgãos esse resultado da eleição é inexplicavel. E com effeito, senhores do *Ypiranga!* se o governo, como dizeis, está despresado pelos saquaremas, e pelos vossos correligionarios, donde partirão os seis centos votos nos candidatos governistas? Talvez cahissem dos astros! Quem são os eleitores que votarão na chapa governista? Serão homens novos? Não são elles as mesmas influencias das localidades, que em sua totalidade constituem o partido saquarema? E' preciso muito desembaraço e descaramento para ainda depois da eleição avançar-se que o partido governista está dividido, e o governo por elle abandonado! Como negando a opposição a evidencia dos factos quer ser acreditada?

Sim: esquecíamos que a circular do Exm. Sr. Nabuco a seus amigos, para a opposição solve todos os problemas, é a chave de todos os enigmas, e finalmente uma panacéa universal. Mas para que a opposição tivesse direito de jogar com essa arma fóra mister demonstrar que o Exm. Sr. presidente, explicando os desejos do governo a seus amigos, e sómente áquelles de cuja dedicação havia recebido provas, exercêra uma influencia indebita na eleição; fóra ainda forçoso que mais uma vez contradictoria negasse ao governo o decreto de influir explicando seu pensamento, não como força ou com autoridade, mas tão sómente como opinião, principio emitido na tribuna por um dos mais denodados campeões da opposição hoje fallecido. E se, como dizeis, o Sr. Nabuco é homem desconhecido nesta provincia e incapaz de obter um só voto em qualquer eleição, e muito menos influir em uma eleição para senadores—como pôde a circular exercer influencia nos animos dos eleitores? senhores do *Ypiranga* vós que quereis o privilegio do saber e illustração, que não consentis que os não baptisados nas aguas de vossas doutrinas possam passar da *mediocridade e insignificancia*, estaes rigorosamente obrigados a conciliar tantas contradicções.

Se pois pela propria confissão dos opposicionistas a circular do Exm. Sr. Nabuco não podia influir na eleição, como explicar a votação unanime nos candidatos n'ella indicados senão reconhecendo que estes erão os mesmos do partido, que se mostrou concorde com o governo em pensamento e vontade?

Se os eleitores saquaremas não comprehendessem que era imminentemente impolitico abandonar o governo, que tantos serviços ha prestado ao paiz, ou que os candidatos governistas não erão aquelles mesmos em que com prazer votariao, como obrigar-os a proceder contra seus desejos e sympathias? Receiarião por ventura que não acompanhando os desejos do governo, que erão os mesmos do partido, algum mal lhes succedesse? Onde a ameaça de que tanto se ha fallado? Como ameaçar com proveito tantos homens independentes?

Muda e queda fica a opposição ás nossas questões: entretanto continua a clamar que o Exm. Presidente da provincia foi infiel aos seus *amigos politicos que o receberão com benignidade e rodeou-se de um pugillo de mediocres ou insignificantes entidades para fazer a eleição*. Quem porém acreditará nessa intriga já tão sedicã e tantas vezes desmascarada?

As influencias naturaes e legitimadas do partido saquarema n'esta capital constantemente frequentão a S. Ex. a quem não cessão de tributar consideração e dar todas as provas de deferencia que pelo Exm. Sr. Nabuco são retribuidas generosamente; e para que procederia S. Ex. de outra sorte? Que interesse politico ou individual tinha elle de alienar de si as verdadeiras influencias do partido que devia appoiar a sua administração?

E' possível que no seio mesmo do

partido saquarema exista algum individuo, que não attendendo as conveniencias de seus correligionarios, mas sómente aos seus interesses particulares, se ache desgostoso e despeitado: é isso natural; em todos os partidos apparecem ambições exageradas. Devem porém e podem os governos satisfazer a todas as aspirações immoderadas dos que se dizem seus correligionarios e sustentadores?

A opposição é por certo incompetente para fallar em descontentes, pois ainda hoje por causa dos miseraveis duzentos votos reina a intriga e desunião em suas fileiras, e isto é tanto mais de admirar quanto é certo que os partidos quando em opposição sempre se mostram unidos: verdade seja que este phenomeno acontece com as parcialidades politicas que tem direito á denominação de partido, o que negamos á opposição.

Quantos homens de consideração tem ella affastado de suas bandeiras quer no governo, quer fóra do poder? O ultimo communicado do Sr. Campos Mello no *Correio Mercantil* de 16 deste mez o responde.

Se invocamos o testemunho do Sr. Campos Mello em seu communicado em resposta a correspondencia do Sr. Floriano de Toledo, inserta no *Jornal do Commercio* não temos por fim alimentar a intriga, e plantar a siziaonia no campo inimigo: esse modo de hostilizar, que é peculiar á opposição, e digno sómente d'ella, está muito abaixo de nossa dignidade. Oh! se pretendessemos usar dos mesmos recursos de que lanção mão os actuaes opposicionistas quantas fragilidades não iriamos descobrir? Lembremos tão sómente essas hostilidades entre os membros da opposição para com mais rasão perguntar-lhes,—se reduzidos a nullidade, como vos achaeis, encontraes desgostosos no vosso proprio seio, se haveis posto de parte os homens de boa fé, que com vosco militavão, com que direito censuraes o governo, porque um ou outro individuo se acha despeitado?

Demais, como crer n'esse descontentamento scão em algum individuo sem importancia alguma politica, e que nem ao mesmo merece ser lembrado? Depois da eleição secundaria força é estabelecermos o dilemma, ou o partido saquarema todo está unido e identificado com o governo, ou ha algum despeitado, porém é elle tão pouco influente que com seus esforços nem um voto arrancou aos candidatos ao senado.

Esse ou esses descontentes que sem outra importancia além d'aquella que lhes tem dado o governo, que não forão capazes de influir nem indirectamente no resultado da ultima eleição não constituem o partido saquarema em S. Paulo e ai deste, se estivesse encarnado em taes individuos, que são zelos os unicamente em satisfazer suas paixões e interesses pessoases. Todavia não acreditamos que no partido saquarema existão homens d'essa tempera.

Estrada de carros do Rio Claro.

E' por sem duvida lamentavel, e é indecoroso o triste estado das nossas estradas nesta provincia; ninguem d'entre todos poderá conscienciosamente negar esta dura verdade, que se torna mais expressiva, por isso que acontece em uma época de progresso, de perfeito movimento industrial em todos os ramos da riqueza publica, e com especialidade na lavoura, que ha alguns annos médra com passo firme, e com as mais lisongeiças esperanças, para em breve assegurar um magnifico futuro a esta bella provincia. Partindo pois do estado actual da industria, e do seu movimento para o progresso, nem um homem haverá que não deseje a substituição dessas interminaveis tranqueiras ao transitto publico, que por toda a provincia se chamão estradas, por caminhos regulares, e convenientemente construidos, onde o professional tenha posto em exercicio a sua sciencia, e responsabilidade de posição perante o governo da provincia, e perante o publico.

E' tempo pois de a cordarmos deste misero torpor. em que a provincia té hoje tem jazido com tanta desvantagem; é tempo de com proveitosos sacrificios chegarmos a posição de honra, e magnificencia, que o Ser Supremo assigna sempre ao povo activo, e illustrado. Por isso a nossa debil voz constantemente se elevará contra tudo, que nos parecer de rotina, e não deixaremos entre outros projectos, passar incolume a—*Incorporação de uma companhia com o fim de construir a estrada de carros desde Santos até S. João do Rio Claro*.

Expenderemos sim a nossa opinião sempre humilde sobre um objecto de tanta magnitude, mas antes de encetarmos o primeiro pensamento á respeito convem solemnemente declarar, que tudo esperamos do conselho d'engenheiros desta provincia, a quem o Exm. Sr. presidente sugitou este negocio, dessa corporação illustre, intelligente, e propria, que em todos os tempos será uma recommendação para o digno administrador provincial que tão distinctamente comprehendeo a distribuição do serço publico em seus diversos elementos, e que assim demonstrou, que era impropria a pessoa do Exm. governo da provincia para o responsavel pela formação dos projectos, e ainda menos para a execução dos trabalhos, como muitas vezes acontecêra nas passadas administrações.

A opinião official desse conselho justiceiro, e scientifico produzio grande sensação no espirito publico inclinado talvez em favor do projecto antes da discussão professional ultimamente publicada. Partindo deste trabalho nada mais fica a tratar-se, que das funestas, e onerosas consequencias que deverião provir da incorporação, quando por fatalidade houvesse teima em realisar-a a todo o trance.

O prejuizo particular resultante da *companhia incorporada* fica desde já bem presentida pela justa indignação, com que receberão este projecto alguns fazendeiros abastados que abi unicamente encontrão o prejuizo de suas fazendas só em proveito da empresa, e jámais em

beneficio delles mesmos, e por isso da provincia. Uma tal concessão seria tão injusta, quanto indigna dos proprios poderes, que a fizessem, por ser, em nossa humilde opinião um attentado contra a propriedade individual, e contra a riqueza publica.

Como contentaremos essa multidão de pobres empresarios, que sem privilegio algum viajam seus carros de S. Paulo para Santos apesar das difficuldades da estrada, e que mesmo assim satisfazem, ainda que mal as necessidades do commercio? Porque, por uma condição do contrato, a companhia não se obrigou a indemnisa-los de todo esse trem, que tantas privações lhes tem custado? Com que protecção publica esses empreendedores começarão suas pequenas especulações no transporte da estrada actual? A companhia que tem riquezas a dispor em beneficio de sua especulação pede enormes quantias para realizar o seu projecto, depois de impor todos os privilegios em seu beneficio, que serão bastantes para fazel-a calar sobre um pedido de moeda; e no entanto, o que fez o pobre empresario, que só contou com o ganho provavel sem privilegio algum?! Na sua primeira viagem pagarão logo á barreira do Cubatão 2\$400 rs. por cada carro, e assim continuarão prefazendo um rendimento annual de 3.600\$000 rs. para os cofres da provincia, conservando-se contentes por ter um modo de vida, donde tirão a subsistencia para seus filhos; e é disto tudo que o homem poderoso por suas riquezas os quer despojar!!! Vós Srs., que sois classificados de livres, e pertencendo a um partido ainda mais livre por que não considerais estas pobres creaturas como brasileiros, para ter uma coberta no banquete provincial. Donde pois tirou a *companhia incorporada* o direito de vir pedir tanto ouro depois de exigir todos os privilegios?!

Os *incorporados* ou não comprehendirão a magnitude do que pedem, ou o fizerão, suppondo muita ignorancia do publico, e da administração da provincia.

Querem, além das desapropriações por parte do governo, a concessão dos rendimentos da barreira do Cubatão de Santos por quarenta annos. Para a avaliação dos capitaes exigidos pela empresa partamos dos seguintes dados. 1.º Elevem-se, como pedem, desde já estes rendimentos a 50 por cento. 2.º Considere-se, que o governo paga 6 por cento de suas apolices de 6 em 6 mezes, mas em conta redonda seja o pagamento annuo. Attenda-se ao augmento de transporte proveniente de maior exportação, como actualmente acontece; e só das duas primeiras condições qualquer, sem grandes calculos, demonstrará, que além de todos os privilegios exigidos! a companhia pede sem indemnisação a quantia de *quinze mil quatrocentos, e setenta e cinco contos, duzentos, e onze mil reis!!!*

Não vos admireis, porem, amigo leitor, é uma especulação, como qualquer outra, mas os poderes provinciaes certamente que evitarão este drama.

Accrescentai porem, que ella impõe a seguinte clausula. — Se para o futuro apparecer uma outra companhia para

estradas de ferro, (o que, querendo Deos, em breve teremos de realizar), não só o governo os hade preferir, como indemnisa-los das despezas, que houverem feito com a estrada de carros..... por que o fructo que houvessem obtido, não terá um só valor por occasião da indemnisação.

Por ventura estaremos nós em um paiz de idiotas, em que o governo não saiba comprehender os contractos, e por si mesmo, ou por seus empregados especiaes remediar as necessidades publicas? Não vemos o que fazem essas provincias de primeira ordem; que se vem obrigadas a construir, sem que tenham os capitaes necessarios para as empresas? Elles emittem apolices provinciaes em beneficio de tal e tal construcção, e depois de amortisa-las, e de haver pago todos os seus juros por meio de um imposto conveniente, essas obras passão á propriedade provincial, ao goso publico, ao livre transito: e o que queremos fazer com tantas concessões tão monstruosas, como impolíticas, e injustas?! O governo, e todos os interessados pelo bem estar desta provincia, que respondão

Queixão-se dos obreiros, do pouco trabalho, e da enorme despeza por administração do governo. Respondo-lhes, que se enganão em todos estes pontos.

Milhares de trabalhadores temos entre nós mesmos. Garanta-se-lhes o serviço, o salario, reuna-se em companhias com alguns privilegios sobre o serviço da guarda nacional, sobre o recrutamento, e em breve tereis um excesso de pessoal, e uma maravilha no progresso das construcções. Queixais-vos das obras administradas; pois bem.... organisai o trabalho convenientemente. Vêde a questão pelo opposto e apontai-me uma dessas empresas sem a immediata direcção dos engenheiros, onde d'entre todos os serviços me apresenteis um só que sirva.

O governo tem á sua disposição as empresas publicas, e administração profissional; porem jámais as que tiverem o typo da incorporação de S. João do Rio Claro.... Organisaí o pessoal, e o serviço se organisará a partir de um sistema.

A *incorporação* desde já parece pedir muito, e querer fazer muito pouco.

No projecto do anno passado, em que tanto pedirão, que assustou a quasi todos os millionarios da provincia, prometterão no fim de 3 annos fazer girar *trinta carros na estrada!!!* parece um grecejo! um sonho! ou uma especulação!

Usemos de franquesa.... que fazer com *trinta carros?* que conceito póde merecer uma empresa, que pesada a ouro, vem propor *trinta carros* para o transito publico desta estrada? Que pretenderão carregar com *este monstruoso trem*. Por ventura não sabem que trinta carros não são bastantes para conduzir os generos de uma só fazenda dos nossos lavradores?! que mal chegarião para a conducção de metade do café da fazenda do senador Vergueiro?! Si os empresarios ignorão todas estas cousas, como rubricarão um projecto desta ordem?

O governo provincial, que tome a si a empresa, que faça por seus engenheiros estudar o terreno, e demonstrar a conve-

niença de qualquer traço, que sobre as construcções elles fação os orçamentos: e por este tempo convide as empresas mais apropriadas, e lhes dê engenheiros para a sua direcção: e em bem poucos annos tudo se fará, talvez por menos da decima parte do que pede a *companhia incorporadora*. Por certo que não se entregará a administração á um pessoal, que, além de não dar uma só prova de habilitação especial promettidos no fim de *tres annos trinta carros* para o transporte; quando com a estrada actual passão mais de 1.500 por anno.

Ao concluir-mos estas linhas nos consta, que pelo interior se promovem assignaturas, a fim de representarem a necessidade de uma estrada de carro por conta do governo, com exclusão de companhias particulares. Voltaremos á materia.

CORRESPONDENCIA.

Querendo dar-nos muita importancia, perdemos ordinariamente a pouca de que gozavamos.
Maxima do M. de Maricá.

Srs. Redactores. O nojo que me causou a leitura do Parecer da Mesa do Collegio Eleitoral da cidade de Guaratinguetá força-me a dizer duas palavras a respeito: é proverbial a falta de sinceridade e boa fé que a opposição emprega todas as vezes que o julga mister para chegar a seus fins, e a não ser essa sua tactica por todos reconhecida, perguntaria-mos aos signatarios do Parecer que nos dissessem lendo com attenção a Portaria do Exm. Presidente da Provincia dirigida ao Presidente interino do Collegio, aonde enxergou invasão das attribuições do Collegio, quando ella só teve por fim prevenir a sua nullificação dada a hypothese de que os dous ultimos Eleitores da freguezia de Lorena não devessem ser reconhecidos legaes; e note-se que com semelhante providencia o Exm. Presidente deveria ter adquirido jus aos encomios da opposição, uma vez que tratava de prevenir a supposta nullidade, que a existir necessariamente affectaria todo o Collegio, no qual a opposição tinha a maioria na razão de 35 para 26 eleitores!!! Deixamos aos espiritos despídos de toda a prevenção o avaliarem o procedimento da maioria do Collegio na questão vertente, o qual só pode ser explicado com a applicação da maxima que serve de epigraphe a este artigo. O que motivou a Portaria do Exm. Presidente da Provincia foi um equivoco de datas: a pessoa que forneceu essa informação quiz fazer sentir ao Exm. Presidente que, havendo a freguezia de Lorena dado na eleição especial de 1847 dose eleitores admirava muito, que no espaço de 4 annos houvesse a população d'aquella freguezia augmentado a ponto de dar este anno um acrescimo de eleitores na razão de 66 e dois terços por cento; (1) e nesta occasião ou por falta de dados exactos, ou por lapsus de penna a pessoa que informou ao Exm. Presidente da Provincia refe-

(1) Nesta typographia fica depositado um documento que demonstra haver a freguezia de Lorena em 1847 dado 12 eleitores.

rio-se a 1842 ou 44, á vista do que o Exm. Presidente apressou-se, como devia, em providenciar a respeito e nada mais.

Em quanto ao topico do mesmo parecer, que diz que, o Collegio deveria protestar contra o *reverbero* de umas baionetas e que a Mesa diz haver envergado dentro do recinto, (advirta-se que a reunião do Collegio teve lugar na sala da Camara, que é por cima da cadeia, e que as prisões conservavão apenas as sentinellas precisas) ao que responderemos que uma grande parte dos eleitores da maioria—*incapazes de qualquer modo alterarem a paz publica*—são aquelles mesmos que em 1842 impunharão armas contra a ordem publica, pelo que tiveram occasião de familiarisarem-se com armamentos bellicos, para que podesse agora o reverbero de duas baionetas affectar-lhe os nervos.

Eis, Snr. Redactor, as reflexões que me sugerio a leitura do *franco, leal e muito sincero* Parecer da Mesa do Collegio Eleitoral de Guaratinguetá, reflexões que poderá inserir em sua Folha, se d'essa inserção as julgar dignas.

Um que bem os conhece.
Guaratinguetá 11 de Abril de 1852.

ODOLOGIA

dos engenheiros constructores, ou guia para a construcção e conservação das estradas em Portugal e no Brazil pelo barão D'Eschwege coronel engenheiro e socio de muitas academias scientificas. Segunda edição com additamento, publicada na conformidade dos desejos manifestados pelo governo de Sua Magestade Fidelissima—; dedicada ao conde de Thomar.

CAPITULO V.

Estradas para diferentes usos, e regras geraes da sua construcção

§ 1.º As estradas varião no seu uso e na sua construcção. Quanto ao uso cumpre notar:

Estradas principaes ou da primeira classe: taes são aquellas que se unem ás estradas principaes dos estados visinhos, que costumão servir para passagem de tropas, e para o commercio exterior. A estas pertencem as estradas de correios e de diligencias. Semelhantes estradas devem ser o mais solidas e commodas que fôr possível, e sempre conservadas em bom estado.

Estradas de communicação interior, ou da segunda classe: estas seguem a sua direcção d'uma cidade ou d'uma villa para outra: devem ser construidas com a mesma solidez; mas não precisão ser tão largas.

Estradas vicinaes ou da terceira classe: as quaes servem de communicação entre as diferentes povoações, e cuja conservação deve pertencer ás camaras municipaes; mas sempre debaixo da inspecção de um constructor de estradas.

Caminhos de campo, que servem só aos lavradores, e communicação com as estradas para mais facil transporte dos productos da agricultura.

A respeito da construcção distinguem-se: Calçadas de pedra regular ou irregular de ladrilho, e tambem de tócos de madeira.

Estradas de cascalho com alicerce chamadas pelos francezas *chaussés*. pelos inglezes *roads*, e pelos allemães *kunststrassen*.

Estradas de cascalho sem alicerce, ou estradas mackadamizadas, assim chamadas de Escossez Mack-Adam.

Estradas acompanhadas de simples caminhos, para servirem no tempo secco, a fim de poupar o material da estrada.

